

Costa Couto acha uma "aventura" prever resultados sobre o mandato

Do enviado especial a Brasília

O ministro Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, acha "uma aventura antecipar o placar" da votação do Congresso constituinte sobre a duração do mandato do presidente José Sarney. Essa avaliação é sintomática da cautela com que o governo acompanha a reta final da discussão em torno do mandato, na medida em que, até há pouco, todos os auxiliares diretos do presidente não tinham dúvidas em afirmar que os cinco anos sairiam vitoriosos.

Costa Couto contesta, em todo o caso, a avaliação de que houve um forte crescimento da tendência quatroanista. O que cresceu, para o ministro, foi "o lobby pelos quatro anos". Costa Couto acha que o ambiente geral do país, no momento da votação, terá influência decisiva.

Por enquanto, o ambiente entre os mais ferrenhos cincoanistas do Congresso constituinte é pouco animado. O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP-Centrão) continua reclamando da desorganização do exército cincoanista e chega a ser ácido em relação ao presidente Sarney: "Eu não sou o dono do mandato. Se o presidente, que é, ainda está interessado nos cinco anos, ele deve agir."

Outro cincoanista do Centrão (Del Bosco Amaral, do PMDB paulista) vai pedir diretamente ao presidente que aja: "Estou pedindo audiência ao presidente para lhe dizer que, sem medidas heróicas e de imediato impacto popular, os cinco anos já eram." Del Bosco revela a mesma amargura de Cardoso Alves, ao complementar: "Não sei se a audiência será concedida."

Pelo menos ontem, o único gover-



Costa Couto, chefe do Gabinete Civil da Presidência, em entrevista no Planalto

nista animado com a perspectiva de vitória era o líder do governo no Senado, Saldanha Derzi (PMDB-MT), para quem os cinco anos ganham "tranquilamente". Derzi acha que "ninguém quer a anarquia e eu temo que, com eleição este ano, o país não chegue ao fim do túnel da transição".

Do outro lado, otimismo

Já do lado quatroanista, o ambiente é bem outro. "Para mim, essa questão dos quatro ou cinco anos já está liquidada. O que conta agora é a discussão em torno do sistema de governo", diz, por exemplo, o senador José Fogaça (PMDB-RS), de-

fensor dos quatro anos e do parlamentarismo.

"A vitória dos quatro anos é tranquila", confirma o senador Jorge Bornhausen (PFL-SC), igualmente parlamentarista e quatroanista.

O deputado Lúcio Alcântara (PFL-CE), presidencialista e quatroanista, introduz na discussão um dado que ajuda a embolá-la e tende a se tornar decisivo para o resultado final: é a combinação mandato-sistema de governo. "Muita gente que é parlamentarista irá para o presidencialismo quando verificar que o parlamentarismo é apenas uma manobra para dar cinco anos para Sarney", diz Alcântara.

Não é apenas palpite: o deputado

Fernando Lyra (PMDB-PE), de tendência parlamentarista e ferozmente quatroanista, disse ontem à Folha que votará no presidencialismo, se se confirmarem conversações entre o Planalto e os constituintes para a implantação do parlamentarismo com cinco anos para Sarney.

Essa conversação existe e está sendo feita pelos deputados gaúchos Jorge Ueque e Irajá Rodrigues, ambos do PMDB, usando como intermediário o também gaúcho Paulo Brossard, ministro da Justiça.

O líder do governo no Senado, Saldanha Derzi, confirma a ligação implacável entre mandato e sistema de governo, ao dizer que, sendo aprovado o parlamentarismo, "pode dar seis anos de mandato para o presidente".

Esse vínculo entre os dois temas embaralha qualquer previsão a respeito do quadro final, porque as combinações possíveis são muitas e contraditórias: o Congresso constituinte pode optar pela implantação imediata do parlamentarismo com quatro anos para Sarney; pelo parlamentarismo com quatro anos, mas vigorando apenas após a eleição do novo presidente; pelo parlamentarismo com cinco anos para Sarney e vigência imediata; pelo presidencialismo com quatro anos e pelo presidencialismo com cinco anos. Hipótese mais remota, mas não impossível, é a aprovação do parlamentarismo com cinco anos para Sarney e vigência só após a eleição presidencial.

É esse "imbroglio" que leva o deputado Amaral Netto (RJ), líder do PDS na Câmara, a afirmar: "Para saber o que vai dar, só sendo pitonisa ou tendo bola de cristal."

(Clóvis Rossi)

Planalto ainda mantém esperanças de vitória

ROBERTO LOPES

Enviado especial a Brasília

Um convencimento de que boa parte dos 61 integrantes do Centro Democrático votará em um mandato de cinco anos para o presidente José Sarney, e que o período mais agudo do desgaste da base política do governo no Congresso (no princípio de fevereiro) já passou, devolveram, nas últimas duas semanas, um certo otimismo ao Palácio do Planalto na questão do mandato.

Esse sentimento foi reforçado com a visita que o governador do Ceará — e amigo pessoal do presidente — Tasso Jereissati fez, quarta-feira passada, ao Planalto. Em um encontro de mais de uma hora, Jereissati disse a Sarney que a bancada do PMDB cearense na Câmara votará em peso nos cinco anos. Ao lado de Jereissati, o coordenador dessa bancada, deputado Expedito Machado, 69, abanou afirmativamente a cabeça. Anteontem Expedito disse à Folha que "dos 14 deputados peemedebistas do Ceará, só dois não são contados como votos certos para os cinco anos: o Paes de Andrade e o Moysés Pimentel".

A informação de Tasso e Expedito renovou as esperanças do presidente da República, afinal, foi na bancada do PMDB cearense (uma das dez maiores do partido na Câmara) que germinou a idéia do Centro Democrático afastar-se do Centrão — contagiado, um mês atrás, por uma verdadeira febre de declarações desastradas do tipo "é dando que se recebe" (de autoria do deputado do PMDB paulista Roberto Cardoso Alves).

Expedito contou que, nessa audiência, o presidente da República pintou um quadro "dantesco" da situação nacional. "Eu não sabia", disse ele à Folha, "mas o presidente está informado de que nós estamos tendo que aplicar o dinheiro público no overnight (negócios por um dia no mercado aberto), à taxa de 25%, para podermos cumprir compromissos, eu não sabia, mas o presidente sabe que daqui a dois meses a taxa da inflação pode estar, já, em 40%, e ele acha que uma eleição este ano só quem ganha é o Brizola (Leonel Brizola, ex-governador do Rio) e que os militares não aceitam isso".

Brossard

A previsão do apocalipse aparece, também, nos argumentos que o ministro da Justiça, Paulo Brossard, vem desafiando em Brasília. Na noite de quinta-feira passada, dentro do elegante restaurante Florentino, ele disse ao deputado Nestor Duarte (PMDB-BA), 31, que pretende procurar o governador da Bahia, Waldir Pires — um dos mais ativos articuladores do encurtamento do mandato de Sarney para quatro anos — e tentar sensibilizá-lo para a situação "emergencial" que vive o país.

Brossard falou a Duarte de "perigos que a nação desconhece" — como o deputado relatou, no almoço da última sexta-feira, no restaurante da Câmara dos Deputados, a seu colega de bancada (e ex-secretário de Justiça do governo Waldir Pires) Jorge Medauar. O ministro disse o que queria e ouviu o que, certamente, não queria. Nestor Duarte reclamou do descaso do governo com os deputados do PMDB da Bahia, quase todos engajados em uma luta política de morte com o ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães, do PFL, o mais intrépido dos defensores do presidente. A Medauar, sexta-feira, Duarte contou que já desistiu de indicar o chefe do posto do Funrural do município balano de Correntinha. "Nesse município eu tive 2.200 votos (cerca de 9% de sua votação total) e Carlos Sant'Anna 600 (cerca de 1% de sua votação total), pois não é que aquele tal de Temóteo (Antônio Temóteo

dos Anjos Sobrinho, presidente do INPS indicado pelo líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna) se recusa a nomear o meu indicado?"

Nestor Duarte disse que o ministro da Justiça ouviu suas reclamações em silêncio, com ar greve, e ainda tentou argumentar: "Mas o presidente não sabe que isso está ocorrendo..." O deputado garante que reagiu com firmeza: "Não sabe? Como não sabe? É claro que sabe." Confortavelmente instalado em sua poltrona giratória, o deputado Carlos Sant'Anna garantiu, em seu gabinete, na manhã de anteontem, que o governo vai, aos poucos, tentando resolver pendências como a de Nestor Duarte, e que agora existe uma maior consciência da necessidade de que reivindicações sejam atendidas. "Antigamente só o presidente estava consciente disso", comentou Sant'Anna, "agora me parece que os ministros também estão".

Thales

O sinal mais importante de que o maranhense José Sarney espera

mesmo permanecer por cinco anos na Presidência da República foi emitido, pela primeira vez, na terça-feira passada e não pelo presidente, mas por seu chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto que perguntou (com jeitinho mineiro): "Você sabia que o Thales Ramalho (ex-deputado e mineiro do Tribunal de Contas da União) vai se aposentar?" Sant'Anna, um admirador de Thales, respondeu que não. "E você acha que a gente deve deixar ele ir para casa?" O deputado baiano disse que não outra vez, mas já supondo que havia novidades no ar. Só então Costa Couto desembuchou: "O presidente está pensando em nomeá-lo para uma assessoria especial aqui no Palácio."

Ronaldo Costa Couto estava, evidentemente, preparando o espírito de um dos principais coordenadores da base de sustentação política do governo, para o advento de Thales Ramalho — um político de reconhecida competência na costura de acordos e estratégias políticas. Sant'Anna garante que a notícia não o deixou com ciúmes, e, apesar de ainda não ter conversado pessoal-

mente com o presidente da República sobre assunto, aposta que Thales irá cumprir um único papel: "Ele vai dar as diretrizes políticas de longo prazo que o governo deve seguir, e é o homem indicado para fazer isso. O Thales enxerga coisas que ninguém vê no horizonte político."

O cuidado que Costa Couto teve com Carlos Sant'Anna, ninguém, ao que a Folha apurou, teve com outro baiano que integra (com distinção ainda maior do que a do líder do governo) o "staff" político do governo: o ministro da Habitação, Prisco Viana. Na manhã de quinta-feira, a dupla Expedito e Tasso Jereissati estavam no gabinete de Prisco, quando o deputado cearense perguntou sobre o sentido da nomeação de Thales Ramalho — que soubera assistindo pela manhã o programa "Bom-Dia Brasil" da TV Globo. "Nomeação do Thales? Não sei de nada disso. Isso não existe." Mais tarde, nessa mesma manhã, o deputado Jorge Viana (PMDB-BA) fez a mesma pergunta ao ministro da Habitação. A resposta veio baixa: "Soube dela pelos jornais."